A VOLTA DA ROMARIA — O SENHOR DA SERRA

Grandes armazens de moveis de ferro e colchoaria

DE

J. A. DE C. GODINHO

Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

Grande variedade em pannos de algodão e linho recebidos directamente de Paris, do Comptoir de l'Industrie Linière.

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 200:000$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Prazo Fixo, Combinados e Supervivencia, com participação ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para informações e tarifas dirigir-se á séde:

Praça do Duque da Terceira, 11, 1.º

LISBOA

Telephone 1:671

Endereço telegraphico «LANOICAN»

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias chiromancia phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall Lavater Desbarrolles, Lambroze e [illegible] d'A

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numeros clientes da mais alta cathegoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 reis.

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

Directores em Lisboa Lima Mayer & C.ia

59, 1.º—RUA DA PRATA—59, 1.º

O Licor Vegetal

Produzindo sempre curas verdadeiramente maravilhosas!!

O ex.mo sr. LEOPOLDO DA SILVA FREITAS, morador na rua dos Ferreiros—Funchal—(Ilha da Madeira) auctorisou-me a publicação da seguinte carta que d'elle recebi:

«Ill.mo sr. proprietario da Pharmacia Brazileira—Largo de S. Domingos n.º 15, Lisboa.

Felicitando-me a mim proprio pelos magnificos resultados que obtive com o uso de 17 frascos do seu «LICOR VEGETAL» na cura das minhas enfermidades (ULCERAS NAS PERNAS E ESCROPHULAS) que ha bastantes annos me faziam soffrer horrorosamente; e n'estes ultimos tempos me impediam o andar, felicito-o tambem pelo seu valiosissimo medicamento que me restituiu a alegria e a saude; testemunho-lhe assim a minha gratidão pelas inequivocas provas que durante o periodo do meu tratamento recebi com as suas elucidantes cartas. PODE, SE ASSIM O ENTENDER, publicar esta, que, verdadeiramente sincera, servirá de estimulo aos infelizes que ainda não tiveram a dita de fazer uso do seu milagroso remedio».

AQUI FICA MAIS OUTRA VEZ bem patente o maravilhoso e seguro resultado do «LICOR VEGETAL» da Pharmacia Brazileira na cura das molestias acima indicadas, bem como: RHEUMATISMOS—ECZEMA — HERPES — INFLAMAÇÕES DOS OLHOS — UTERO E OVARIOS — MENSTRUAÇÕES IRREGULARES—MORPHEIA e muitas outras dimanadas do sangue impuro.

E' ESTE na actualidade, o purificador do sangue, que mais justificada fama gosa pelas constantes e maravilhosas curas que está operando.

Preço—1 frasco, 1$000 réis. 7 frascos, 6$000 réis.
Para a provincia o PORTE É GRATIS.
Os pedidos devem ser feitos assim:

PROPRIETARIO DA

PHARMACIA BRAZILEIRA

Largo de S. Domingos, 15 — Lisboa

Cuidado com as imitações ou falsificações

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

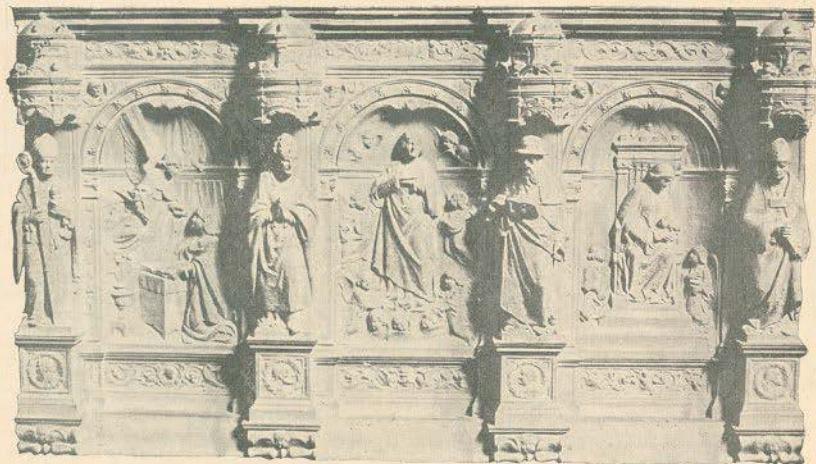
A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

ETERNA CANÇÃO

Olho as nuvens doiradas, pelos ares,
Breves como a ventura que perdi ..
Olho estrellas do céu, ondas dos mares,
E só te vejo a ti!

Oiço os campos onde a agua é um lamento
E a voz d'oiro das aves canta e ri...
Oiço uivar os pinhaes, gemer o vento,
E só te escuto a ti!

Tudo, — nuvens, estrellas, céu profundo,
Tudo se me turvou quando te vi...
E não has de tu ser todo o meu mundo,
Se eu só te adoro a ti!

JULIO DANTAS.

João Machado—Predella d'um retabulo, em estylo Renascença, para a egreja de Santa Cruz de Coimbra

UMA ESCOLA DE CANTEIROS

Em Coimbra, a arte de canteiro é uma efflorescencia do solo, creou-se pelo amor ao calcareo brando, que se vê alvejar á flôr da terra, mal passa a chuva forte do inverno.

E é opinião que aqui teria nascido e florescido naturalmente a mais bella escola de esculptores se não fôsse o que muitos julgam a ventura da arte em Portugal — o glorioso movimento da Renascença, que é mais uma pagina da historia da arte estrangeira do que propriamente um movimento decisivo e determinante de progresso na evolução da arte nacional.

O delicioso claustro de Cellas, tão tocante de sentimento popular e de ingenuidade artistica, as obras, assignadas ou não, de dois Pires, o velho e o moço, as de Pedro Anriquez e do irmão, as dos Alvares, as estatuas anonymas que o acaso depara ás vezes esquecidas, os labios n'um sorriso enigmatico, os olhos pequeninos a rir, cobertas de ouro, como idolos preciosos, d'um lavor gothico cheio de intenção, inquieto, revelando n'um detalhe minimo sempre a vontade de progredir, palpitando da vida da consciencia artistica nacional em formação, muitas vezes me teem feito adivinhar a gloriosa escola de esculptores que poderia ter sido a honra de Portugal e que morreu no meio dos esplendores da Renascença como as creanças fracas ao beber á vontade um leite abundante e forte.

Os canteiros de Coimbra foram sempre os primeiros de Portugal, e são-o ainda hoje, como demonstrou a exposição que vamos analysando ao correr d'estas summarias notas.

Pelos trabalhos expostos não pode fazer-se idéa completa nem das aptidões dos artistas nem da sua orientação.

A exposição foi organisada com as obras em elaboração no momento, em estylo determinado, com destino certo.

Antonio Gomes — Modilhão em gesso

O acaso fez por isso que as obras expostas tenham o cunho do estylo manuelino, ou da Renascença franceza.

A Escola Livre das Artes do Desenho não passa, porém, o seu tempo a copiar estylos seguindo a norma do ensino classico.

Os discipulos de Antonio Augusto Gonçalves, canteiros ou serralheiros, sabem executar os mais modernos caprichos da arte.

É certo, porém, que os discipulos da Escola Livre das Artes do Desenho dão ás interpretações dos diversos estylos um encanto, que raras vezes outros conseguem dar, e que os fazem justamente estimados e apreciados por Manini, Raul Lino, e todos emfim para quem o culto do passado não é esterilisador das fecundantes energias modernas.

Eu, por mim, nunca vi obra de estylo antigo, em capricho moderno de artista, que me désse a impressão esthetica das de Antonio Augusto Gonçalves ou discipulo d'elle.

Deve-se isso á natureza do seu ensino, que nos estylos passados, como nas grandes obras da antiguidade classica, procura apenas a intenção artistica e a sua realisação pratica dentro da belleza.

A antiguidade classica, o objecto de arte exotico, até as tentativas artisticas abortadas são para este mestre excepcional fonte de ensino vitalisador e forte.

Antonio Augusto Gonçalves não ensina a copiar um estylo, ensina a comprehendel-o. E, na transcripção de qualquor motivo decorativo, os discipulos de Gonçalves mettem sempre um pouco da sua alma.

Por isso as obras que produzem, na adoração dos velhos estylos, são vivas e não paradas e mortas como os pastiches que o romantismo e o mercantilismo da industria moderna teem vulgarisado.

Os discipulos de Antonio Augusto Gonçalves conhecem a unidade de espirito caracte-

ristica de cada estylo e a fórma como se traduz na visão da linha, da superficie e do volume, na utilidade da luz e sombra, e sabem assim dar a uma planta rara de jardim, capricho moderno de floricultor curioso, a graça antiga com que os velhos esculptores vestiam amorosamente as plantas humildes dos campos.

⁂

João Machado é o mais completo discipulo de Antonio Augusto Gonçalves, quer na sua arte, quer na orientação geral do seu espirito.

É uma alma de artista formada já, um temperamento que começa agora a contar-nos as suas visões artisticas.

Expõe duas obras — a *predella* em execução, e um estudo em gesso, — ambas para o altar de Nossa Senhora da Conceição na egreja da Santa Cruz, que, como as obras de arte capitaes do convento, foi delineado em estylo do renascimento.

É seu o desenho como a execução da obra. João Machado conhece a Renascença bem de muito a ter estudado, e n'esse estudo tem feito a educação do seu espirito que é, apesar de tudo, apaixonado por todas as tentativas modernas de arte.

A Renascença é na verdade a mãe da esculptura contemporanea: Donatello e Miguel Angelo são os ascendentes directos de Rodin.

Muito cedo director de uma officina, João Machado tem versado toda a vida problemas de architectura; d'ahi o equilibrio de todas as suas obras, ou sejam o plano de um grande edificio, ou o desenho de uma pequena joia para o capricho de um ourives.

Os maiores artistas do renascimento italiano começaram por ourives; só mais tarde passaram a esculptores, revelando sempre o seu trabalho o amor que lhes ficou ao seu primeiro mister.

Com João Machado deu-se o phenomeno inverso: foi do estudo e contemplação demorados das obras da Renascença que lhe nasceu, pela admiração, o amor ás artes do metal.

Assim é que hoje são numerosas as obras feitas em ferro forjado por desenhos seus; e mais de um tem feito para obras de ourivesaria.

Assim se creou e completou n'elle o espirito da Renascença, que domina a maior parte da sua obra decorativa.

Mas, apesar de tão intimamente consubstanciado com a alma dos artistas da Renascença, João Machado é um artista de hoje, como o prova a sua larga obra.

A sua alma moderna vê-se mesmo atravez dos seus mais perfeitos trabalhos do renascimento.

⁂

Na *predella* tudo revela a posse em que está d'este estylo: a composição na linha geral e nos detalhes, a disposição das figuras dos doutores, os baixo-relevos, a riqueza dos baldaquinos, a variedade dos capiteis, a delicadeza dos medalhões, a belleza com que a Renascença vestia a admiração pelos camapheus antigos, os frisos decorados, o corte das molduras, a sua disposição, as suas penetrações.

Alberto Caetano Ferreira—Sacrario do altar

O altar de João Machado é bem uma obra da Renascença pelo espirito, pela linha, pela belleza e pela harmonia.

E'-o tambem pela analyse subtil dos movimentos fugidios que animam todas as figuras, coisa tão propria da Renascença e que, no apostolado da Sé-Velha, dá a unidade, a intensidade dramatica que nos domina n'aquella obra de arte excepcional.

Pela riqueza da decoração e pelo seu espirito, a obra da *predella* é da Renascença franceza e lembra por uma approximação facil a do pulpito de Santa Cruz, não faltando quem erradamente eguale João Machado ao artista genial que lavrou aquellas formosas pedras.

Os dois artistas são, porém, dois temperamentos oppostos, em duas situações diversas de vida.

O auctor do pulpito é um torturado, conhecendo bem toda a miseria da carne, toda a allucinação que persegue os artistas francezes muito para além do periodo gothico.

O seu trabalho condensa, é um artista reprimindo-se, cortando por exuberancias.

João Machado é um tranquillo, uma natureza que se expande alegre, nas primeiras horas da sua vida de artista.

As figuras de João Machado apparecem-nos tranquillas, a sorrir, quando evocadas; as do auctor do pulpito perseguem-nos.

E' que ao artista de hoje falta o meio de então.

Só assim se poderiam gerar obras eguaes de sentimento e intenção decorativa.

Para fazer as gargulas do Jardim da Manga, é necessario ter visto os corpos deformados pela hysteria, ter visto o diabo nos corpos dos possessos, na crispação das mãos e dos pés, torcendo o olhar, convulsionando a garganta n'um grito satanico.

Para se sentir assim a pompa dos brocados raros, a leveza aristocratica das linhas preciosas era necessario vêr e admirar todo o esplendor do culto antigo no convento de Santa-Cruz.

João Machado não tem tido tempo de se encontrar com Deus ou com o Diabo, que n'estes tempos se furtam mais á analyse; o seu talento creou-se na adoração do seu lar modesto.

Por isso é vulgar encontrar, em imagens da Virgem que elle faz, as feições queridas da mulher estremecida, e vêr o sorriso, a bocca

João das Neves Machado—Pia de agua benta

fresca dos filhos nos anjos que vôam em volta d'ella.

João Machado é um artista do seu tempo e é hoje pelo amor á sua arte, pelo conhecimento que tem da sua evolução historica, pela sua technica delicada, pela sentimentalidade fina da sua alma de artista, o primeiro canteiro do seu paiz.

Ha na exposição uma pequenina obra, que mostra que o seu espirito inquieto, na ancia de saber, aspira a mais alguma coisa. E' o busto da filha, trabalho incompleto, mas em que a frescura da bocca, a delicadeza de modelação do collo e da parte superior do peito, revelam uma tendencia nova do seu espirito.

Deve seguil-a.

Modéle do natural pertinazmente, como tem modelado de obras de arte e encontrará pela admirçaão da carne a revelação do pensamento, como a admiração do marmore o levou á revelação da carne e da vida.

Dos outros lavrantes expositores, apenas não é discipulo de João Machado o sr. Antonio Carolino, artista de dotes naturaes, que se tem desenvolvido á vontade, longe de qualquer direcção, e que é um dos socios mais recentes da Escola Livre das Artes do Desenho.

Expôz a verga de fresta manoelina, que reproduzimos e foi feita, como aliás todos os trabalhos de canteiro de que teremos a occupar-nos, para o palacio que faz actualmente construir em Cintra o sr. dr. Carvalho Monteiro.

Luiz Fonseca—Parte media de um frontal d'altar

O desenho foi bem comprehendido, n'um desenvolvimento gradual e natural das linhas, sem hesitações; a modelação é vigorosa, o côrte largo, e planos bem accentuados e bem graduados.

A gargula de João Ferreira é, pela concepção, uma das obras expostas em que mais se accentua o espirito da Renascença, pela visagem dolorida da mascara terminal.

Não é uma obra forte, como as gargulas do Jardim da Manga ou do Collegio de S. Thomaz, em que o espirito gothico se vê ainda bem na nitidez dos planos, no grotesco das figuras, na accentuação caricatural dos detalhes anatomicos; é antes um trabalho de completo espirito do renascimento na concepção e na sua realisação technica, de uma execução, de uma doçura exageradas talvez.

A bocca é enigmatica como a comprehendeu a arte do renascimento; ri e chora, ao mesmo tempo, mysteriosamente.

A anatomia, de visão, dá bem a carne, sahindo viva do tufo de plantas que prende a gargula ao edificio.

O movimento, escolho em que tantas vezes se embaraçam os artistas modernos, que tentam crear typos novos d'estas delicadas phantasias artisticas, é bem achado; a figura adianta-se n'uma attitude natural, graciosa, em pleno equilibrio no gigante de que espreita.

João das Neves Machado, primo de João Machado, tem um modo de talhar a pedra, com decisão, em planos largos e encontrados, d'um bello effeito decorativo. É um artista de recursos naturaes, cuja individualidade se accentua dia a dia, conhecendo bem a natureza da pedra em que trabalha, e sabendo utilisar todas as suas qualidades nos effeitos decorativos que obtem.

A sua execução pode dizer-se *colorida*, taes são os effeitos de luz e sombra que procura, já pela disposição dos planos e volumes, já por particularidades de technica que modificam o aspecto da pedra, nas esculpturas de outros, uniformemente branca e monotona.

O sacrario de altar, que Antonio Gomes fez para a capella do palacio do sr. dr. Carvalho Monteiro em Cintra, é de um desenho que o moço artista complicou no desejo, que tão nobremente o distingue, de se aperfeiçoar e de caminhar na profissão em que é tão estimado pelo seu caracter, como pela alegria com que trabalha, sempre a procurar fazer melhor.

O seu sacrario, de uma bella linha, com os santos em oração sob baldaquinos rendilhados, encimando um curioso enfeixamento de columnas, mostra todas as suas qualidades e recursos artisticos.

Luiz Fonseca é de uma familia de artistas e tem trabalhado sempre na officina de João Machado, ao lado do pae, artista justamente considerado em Coimbra, ha muitos annos.

O seu trabalho — um frontal de altar — é delicadamente

tratado, n'uma grande doçura de cinzel, amorosamente detalhado, e revela-o já como trazendo galhardamente o nome que assignala toda uma familia de excellentes canteiros.

Para terminar a resenha dos trabalhos em pedra, apresentados na exposição da Escola Livre das Artes do Desenho, resta-me falar da *misula* de Antonio Gomes.

É um rapaz muito novo ainda, mas, em tudo o que faz ou planeia, revela uma natureza artistica fóra do vulgar.

Desenho ou modelação sua fazem demorar o olhar.

João Machado—Fragmento de um retabulo Renascença, em gesso

O seu desenho revela um espirito que viu e a intenção de dizer claramente o que o impressionou na obra de arte ou da natureza.

A sua modelação não tem nada da banalidade d'um estudante que tenta reproduzir planos e volumes.

Modela por amor á pedra, para fixar n'uma materia branda o que concebeu para ser executado em pedra. Não é o barro que vê quando está modelando, nem os seus effeitos que procura, é a pedra que os seus olhos estão lavrando, tentando realisar a imagem no barro ductil.

A palheta é como que o escopro de dentes e no barro traça logo os effeitos que mais tarde ha de realisar na pedra.

As cabecinhas de dois anjos da misula eram de uma technica de encantar, como toda a execução, em que a pedra por effeitos no lavrar se coloria dos mais imprevistos tons.

O modilhão, que apresentou em gesso, é uma obra de forte execução, que não parece de uma creança. A mascara é colorida e viva, o desenho facil e largo.

Na modelação, os seus dedos não deixam seduzir-se pelas facilidades do barro, que trata como se fôsse uma materia dura, n'um grande amor pela pedra, que revela a excepcionalidade da sua organisação artistica.

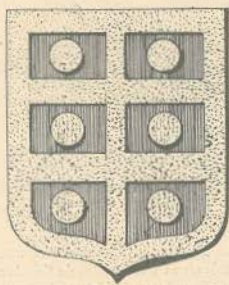
Com amor á sua profissão, e á materia que lavra, com a sua forte organisação artistica, Antonio Gomes virá um dia a honrar singularmente a arte em que trabalha e que se assignala no movimento artistico nacional por tão notaveis obras dos artistas de Coimbra.

Na allocução proferida na abertura da exposição, disse Antonio Augusto Gonçalves: *as artes da pedra e do ferro estão ostentando em Coimbra recursos de vitalidade e tão desenvolvida comprehensão esthetica como em parte alguma do paiz.*

José Ferreira—Gargula

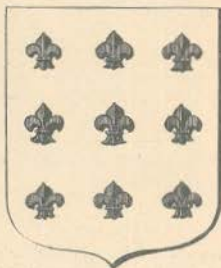
Antonio Carolino—Verga d'uma fresta manuelina

Assim o mostra o que deixamos dito, quanto á arte de canteiro, e esperamos demonstral-o tambem quanto á serralharia artistica, objecto do proximo artigo, com que fecharemos estas despretenciosas notas sobre a exposição de Coimbra.

JOAQUIM MARTINS TEIXEIRA DE CARVALHO.

Almeida

Almeida. Em campo vermelho, seis besantes de ouro entre uma cruz dobre e bordadura do mesmo metal.

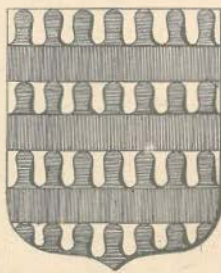
Timbre: Uma aguia vermelha besantada de nove besantes, sendo tres no peito e trez em cada aza.

Alte

Alte. Em campo de prata, nove flôres de liz vermelhas postas em tres palas.

Timbre: Uma flôr do escudo.

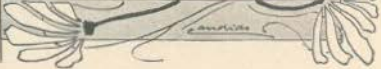
Alpoim

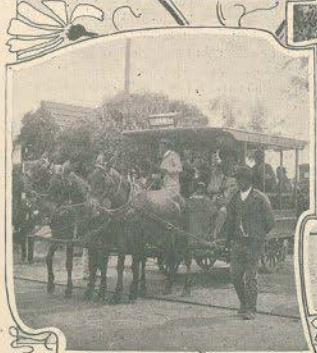
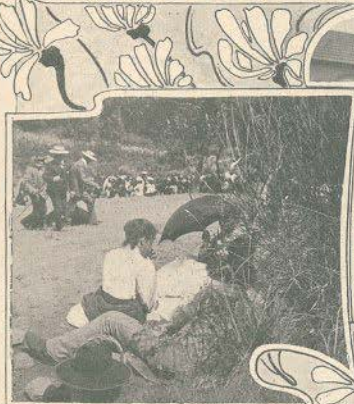
Alpoim. Em campo azul, uma lua de prata com as pontas para baixo, e uma orla vermelha lisa.

Timbre: Uma aden de sua côr, com o bico de ouro e os pés de vermelho.

Alvarenga

Alvarenga. Em campo de veiros de prata e azul, tres fexas sanguinhas.

Timbre: Um leão nascente vestido de veiros do escudo, e armado de sanguinho.

O SENHOR DA SERRA, EM BELLAS
Um pobre de romaria — A merenda — Na estrada de Bellas — O jantar dos romeiros na quinta do Marquez — Conduzindo a merenda — Um baile ao ar livre

O SENHOR DA SERRA EM BELLAS

Um aspecto da quinta do Marquez, á hora das merendas—Os saloios a caminho da romaria—Uma merenda de varinas—Outro aspecto da quinta do Marquez, onde os romeiros arrancham para merendar—Um aspecto da estrada de Bellas no dia da romaria —As varinas na romaria

O SENHOR DA SERRA, EM BELLAS

Um acampamento na romaria—Um só cavallo... para doze pessoas—A merenda na quinta do Marquez—Na estação de Bellas —Para a romaria—Na fonte

ANGELA PINTO NO HAMLET

Cliché de Cardoso & Correia

Não ha nada mais profundamente sympathico do que o atrevimento.

Tratando-se então d'uma mulher, — o atrevimento é metade do triumpho.

Angela Pinto tinha visto ou ouvido falar nos *travestis* celebres da grande Sarah: — *Zanetto, Lorenzaccio, Duque de Reichstadt, Hamlet.* Conhecia da opereta o prestigio do *maillot* negro *made in Germony*, — prestigio absoluto e incondicional, sobre tudo quando se tem umas pernas bonitas. Contava com os rasgos de inspiração do seu talento radioso, espontaneo e forte, — que raras vezes a tem atraiçoado na sua vida aventurosa de actriz. Fizera o *duo de los parágüas*: pensou immediatamente em fazer o *Hamlet*.

Estava a preparar-se uma longa *tournée* no Brazil, de que ella propria seria o emprezario: esplendida occasião para realisar o seu intento. Tratou logo de tudo. Reuniu os amigos, n'um jantar intimo: — *Hamlet, que dizem?* — Todos concordaram. Era uma graciosa idéa. Mandou-se logo vir de Milão uma espada de cruz, de Londres um *maillot* de seda preta, de Paris os ultimos commentarios á obra de Shakespeare. Durante dois mezes, tres mezes, Angéla passou uma vida attribulada. De manhã, sala d'armas; de tarde, ensaio; de noite, leitura de todos os philosophos e criticos que se teem occupado do nebuloso principe da Dinamarca. Brazão dava os ultimos toques nos ensaios: — «*O que te falta é altura, rapariga! O mais está bem!*» Logo Angela, n'um bilhete a lapis para o sapateiro: — «*Mais tres centimetros nas solas, não se esqueça...*» Por fim, como lhe viessem dizer um dia que ninguem tomava a serio o seu novo commettimento, a illustre actriz não gostou, melindrou-se, e replicou com a maior naturalidade do mundo: — «*Ora essa! Não sei porquê! Ninguem está melhor do que eu no papel: — o Hamlet era doido, — e toda a gente sabe que eu tenho areia!*»

Nas vesperas da partida estava tudo prompto. Faltavam apenas as photographias. Hamlet precisava de photographar-se antes de partir. Era fatal. O principe não hesitou: despiu a sua sumptuosa saia de baixo, que lhe cahiu aos pés n'um ruge-ruge de sedas caras, tirou o *cachecorset*, desapertou o espartilho de *chez Torcheboeuf*, deixou cahir a liga de pequeninos fechos d'oiro, — enfiou o *maillot* negro, o classico gibão de velludo, o sapato preto com tres centimetros de sola, pôz o gorro de plumas, traçou a capa, carregou os sobrolhos, franziu a testa com ar de quem diz — «*isto agora é a serio*», — e ahi teem os leitores da *Illustração*, com as mesmas pernas, as mesmas lindas pernas do «*duo de los parágüas*», o muito nobre principe da Dinamarca, filho d'Hamlet o Grande, cujo espectro refulgente d'armaduras d'oiro apparecia entre as nevoas da esplanada de Elsenor...

Mulheres á janella do lagar

As bellezas do lagar

Lagareiras

A MULHER DURIENSE

Absolutamente identificada, na mais ampla e segura das dedicações, com a terra onde nasceu, a mulher duriense é um bello e firme exemplo de inviolavel sinceridade e do mais alto e acrisolado caracter. Nenhuma outra mulher portugueza, sem duvida, a póde sequer egualar no estoicismo tão seguro e verdadeiro, tão severo e constante da vida attribulada em que está presa.

Na abnegação dos prazeres do mundo é a humilde creatura que ajuda, sempre amiga, o homem, na ingrata e fatigante tarefa agricola e aconchega e acaricia os filhos queridos com o mais intenso dos amores de mãe. Por certo não ha por toda a linda terra portugueza agora mulher alguma cujo papel social seja mais digno de dó. Mais heroica por vezes que o homem, nas horas de desconsolo e de amargura—é ella quem mais soffre, dona de um lar onde falta o pão, companheira de um trabalhador a quem falta o trabalho, creando os seus filhos para um futuro incerto, victima expiatoria da calamidade presente.

Para conhecer quanto amor e quanto affecto n'ella existem, basta reparar bem para a claridade dos seus olhos typicos; ouvir-lhe as palavras harmoniosas da bocca nunca enganadora; vêl-a applicada ao trabalho fatigante, sem se queixar, ou seja pelo inverno agreste quando o frio corta e a neve cae ou pelos dias ardentes de verão em que o calor tisna, queima e asphyxia.

Enleada nos tentaculos esperançosos da vinha luxuriante, soffre agora da crise dolorosissima que lhe fere a rudo fortaleza do seu corpo robusto e depaupera o vigor nativo dos filhos que lhe pedem pão. Não lh'o póde dar, porque na adega ainda está o vinho que ninguem quer!

Que dôres lancinantes eu não sinto a cada passo, em qualquer casa aonde vou, medico dos pobres, mitigar a doença, e tenho de buscar na therapeutica o remedio mais barato, o conselho mais simples e a indicação mais facil, porque em todas as casas de lavradores do Douro a fome de vez já entrou. E é para vêr o heroismo com que lhe resiste essa mãe desventurada, essa escrava do amor. De que lhe vale o arvigorisador da montanha, a agua crystalina das fontes, o socego salutar dos campos, se em casa não ha a mais parca das alimentações? N'este momento ouço, agoirenta como o piar do mocho, a tosse convulsa e dolorida d'uma linda rapariguinha, de olhos de céu, que o garrotilho martyrisa. O pae é um trabalhador dos campos e, com o magro e incerto salario que tem, ha de sustentar quatro filhos e a mulher. Como é que com doze vintens ou tres tostões passam cinco pessoas? Vivem da caridade? Por certo. Vão arrancar furtivamente batatas ás propriedades alheias? Não o duvido. Mas que prodigios de miseria, que combinações da fome com a necessidade não farão as mulheres dos operarios durienses para viverem? Descobri outro dia, e por um luar delicioso que banhava encantadoramente o povoado, que uma pobre mãe dizia aos filhos: «dormí, deitae-vos, que dormir é comer!» E' que ella bem sabia, por experiencia e no seu instincto, que o descanço physiologico minorava a fome cruel. A casa onde vivem é misera. Uma porta só. A cabeça toca no telhado baixo, que abriga pobres enxergas onde sómente pousa a mancha d'um lençol remendado. A um canto, uns potes de ferro constituem a la[illegible]ra... da fome.

E' em choupanas como esta e de que pagam renda que agonisam as operarias do Douro, ao lado dos filhos que estremecem e do homem que adoram. Como é ingrata a vida! Confrange-se o mais duro dos corações com tal penuria; mas o lavrador do Douro, que fez prodigios da terra, povoando de vinha montanhas e montanhas, já sente tambem o mais cruel dos desesperos. Observando como tanta gente por todo o «Paiz Vinhateiro» ainda consegue viver — penso que são as mulheres quem tal milagre arranjam. Alimentam os filhos mais com seus carinhos do que com pão; e são ellas que ainda sustentam o homem e lhe apaziguam os insoffridos impetos de revolta.

Na grandeza d'uma alma tranquilla, dão o terno conselho e provocam a mais pura e innocente consolação do sentimento. Entretanto devem tecer novos thesouros de amor nos corações generosos e revestir-se da mais poderosa coragem porque a miseria, dura e cruel, já entrou no

Mulheres do Douro «fazendo a grainha»

Douro para talvez mais não sahir. Não creio (que digo eu?) na salvação da *Terra do Vinho*. Mais de duzentas mil familias se reduzirão à mingua, se não pensarem já em emigrar. E' o unico remedio — mas triste remedio é.

Mães, que tendes filhos crescidos, apontae-lhes á noite no céu luzente de estrellas vivas o caminho da fortuna—dizei-lhes que ha terras além-mar onde ninguem morre de fome—creae-lhes o amor da emigração porque a velha e gloriosa «Terra do Douro» entra na agonia, amortalhada na mais funda miseria entre os seus thesouros inuteis.

Ninguem applacará tanta dôr que vae por tanto lar outr'ora abastado? Ninguem olhará para tanto coração onde só entra sangue empobrecido? Ninguem dará trabalho a tanto braço esforçado?

E' na maior anciedade que a mulher do Douro pensa no que ha de dar de comer aos filhos que estremece e ao homem que ama. Ainda se fosse o vinho como o leite das cabras, que os filhos mais velhos apascigam pelos relvédos escassos dos caminhos rusticos, ainda bem! Mas o vinho não serve sosinho de alimento: eis o mal! E' preciso ter pão e o pão não o produzem as terras «malditas» por onde se estende, como uma ironia, a rir nos bagos onde trabalha denodadamente o «pintor», a videira enganadora de folhas espalmadas, rainha ostentosa na miseria dos povos...

E' a mulher que «esmadeira» a vinha desenlaçando-a dos paus onde se ostentam no outomno as parras estioladas. E' ella que faz os «capões» das vides podadas e os leva á cabeça para as «casas da lenha» onde no inverno alimentam as «braseiras» antigas quando o frio aperta e o vento sopra.

Mais tarde, é a mulher que applica contra o maldoso «oidium» o enxofre salvador e o sulfato de cobre contra o «mildio» que atormenta as uvas ao nascerem. Era a mulher que acarretava a pedra para as paredes das plantações que talvez mais ninguem fará.

Enchendo as cêstas

Espreitando... as uvas

São as mulheres que levam á cabeça, em cestos, os estrumes fertilisantes para a velha terra empobrecida. São ellas que decapitam as videiras, deitando nas cestas os cachos, quer doirados, quer negros, na grande e magnanima mas agora triste «Festa Vindimal». Tudo isto fazem, trabalhando de sol a sol, alegres nas canções que soltam das boccas castas onde alvejam dentes de saude; satisfeitas no rythmo das quadras ingenuas e intencionaes de firmeza que dizem com todo o sabor regional da musa popular.

E é ainda, cantando para espalhar seus males, que o pôr do sol as leva até suas casas, aos ranchos, cheias de canceira, e onde as mães as esperam com o caldo na panella.

Bonitas!? Quem o duvida! Ha physionomias onde se descobrem tons de intensa formosura devéras attrahentes, mas geralmente não são typos de belleza notavel e quero bem acreditar que não será ao desprotegido Douro que caberá a honra de possuir as mulheres mais lindas de Portugal no interessante concurso d'esta «Illustração».

Teem saude. São fortes. São castas. E chega-lhes. Um lenço de algodão que só nas festas é substituido por outro de seda, guardado no fundo da arca como reliquia, junto ao grande cordão d'ouro e ao lado do bragal singelo, emmolduralhes os fartos cabellos escuros que usam ou de risca ao meio ou penteados para traz em fortes tranças. Sobre o casaco largo e a saia redonda de riscado que lhes cobre o corpo livre e forte, põem, só quando vão á missa, a alguma visita ou ás «mortalhas», o chale de lã que usam quasi sempre de ponta. As meias que calçam fazem-nas no inverno, nas longas noites a seroarem á candeia de azeite dependurada na «barra». Trazem de verão chinellas abertas e no inverno, por causa das lamas, calçam «tamancas».

A moda tambem já as preoccupa, pelo menos ás raparigas novas quando começam a «derriçar». Mandam já fazer blusas com folhos e rendas, saias nesgadas e até sapatinhos de cordovão; d'essa forma perdem, porém, todo o encanto regional. Com esse traje, muitas accorrem ás romarias que por estes calidos mezes d'estio se fazem por todo este Douro. Lá deixam ficar muitas vezes o coração simples mas intenso de paixão no voltear d'algum «jogo de roda» e arranjado adréde ou nas «comedias» que ao ar livre se representam até ao nascer do sol, com longos intervallos em que comem duros cavacorios e brancas cavacas cobertas, acompanhadas de limonadas frescas que doceiras ás vezes gentis vendem em cima de mezas cobertas com toalhas e á luz de lampeões. N'essas «comedias» que chamam povo de longes terras, ao lado de amadores d'ares tragicos, as «actrizes», de vestidos alheios, pouco desembaraçadas, dizem timidas falas, com gestos pequenos e medidos e não raramente se ouve, como se fosse do «papel» :—*A' parte.) Apaga-se a luz e cae-se*...

Já vi representar o *Othello*. O *Hamlet* ainda o anno passado foi á scena! Oh! Shakspeare, que Desdemona, que Ophelia!!

Na volta d'uma mortalha...

A conducção do vinho em canecos

Na vindima

Não as fadou o destino para a arte dramatica ás mulheres do Douro, afeitas ao trabalho agricola continuamente absorvente.

Quando vão para fóra da terra, são optimas creadas, tão diligentes quanto analphabetas e comedidas, se bem que poupadas. Dão um contingente enorme para o Porto e até para Lisboa, onde fazem «mealheiro», com que depois veem passar os dias da velhice á terra onde nasceram, conversando com as visinhas, bisbilhoteiras, lembradas de tudo na sua memoria fiel e fazendo meia ou fiando.

São crendeiras. Rezam á noite o terço. Vão á missa e confessam-se. A' cabeceira do catre onde dormem, emquanto sobre a terra a noite estende os seus veus soturnos, teem pregadas imagens piedosas da sua devoção ingenua onde não falta a Santa do nome, ao lado da flôr de sabugueiro secca e boa para as constipações. E, se os filhos andam mourejando no Brazil hospitaleiro ou na Africa mysteriosa—pelo Natal, querida festa do lar, ou na Paschoa, toda florida, as mães recebem longas cartas amigas sempre acompanhadas de dinheiro, ganho na vida trabalhosa do exilio salutar e que guardam parcimoniosas para os dias maus! E não os pode haver peores, mais cheios de dores e desesperos!

O Douro, desorientado pela negra fome e como o naufrago já sem esperança, ergueu os braços descrentes e fez ouvir os clamores da sua misera sorte a el-rei na sua viagem a esta Terra do Vinho. E S. M. deu ao Douro sobresaltado a sua palavra misericordiosa de que em breve seriam satisfeitas as suas «justas reclamações».

Mas o espectaculo que por certo mais o impressionaria, real e violento de verdade incontestavel na sua visita sensacional, foi sem duvida aquella mulher do povo, que surgiu d'entre a multidão, na sua passagem, ajoelhada e faminta, de rosto onde estava impresso o desespero, de corpo onde circulava a indigencia, e se voltou para el-rei com lagrimas a tolherem-lhe a voz, os macillentos braços estendidos, e com submissão, mas com sinceridade, n'um gesto sublime, lhe disse.

—«*Senhor Rei—salve-nos da miseria!!*

Essa mulher symbolisa, na supplica ardente que soltou e na exclamação verdadeira dos seus labios frementes, a onda de maguas que n'um praiamar temeroso se alastrava impiedosa, sem um horisonte claro, no futuro do celebre «Paiz do Vinho». Ainda bem que S. M. veiu acalmar tanto somno mau, tanta tristeza e tanta privação! *E palavra de rei não volta atraz*. E' a esperança a entrar já como a luz serena da aurora, na casa do lavrador; é o socego da mãe, é a alegria das filhas que costumavam ir pela canicula até ao pé do mar gigante e aspirar-lhe a brisa consoladora. Não vão agora. O vinho não dá nada e as mulheres do Douro, desejosas de partir, como freiras n'um convento cyclopico circumdado de montanhas, continuam a ficar presas n'esta terra por onde estenderam o gladio da maldição

homens sem probidade, gananciosos e maus, que «arranjaram lenha para se queimar» sem compaixão da lavoura, que agonisava e que exploram!

A mulher do pequeno lavrador é que *amassa, tende* e *coze* o saboroso pão de centeio nutritivo e alimenticio que, em grandes «borôas» tostadas, acompanha as *parcas refeições*. E' ella que cuida com esmero e verdadeiro amor dos «récos» no «cortelho», levando-lhes grandes baldes de «lavagem» e deitando-a na pia onde os cevados, ao chamamento de: «bicá», «bicá», «chúa», «chúa», afocinham grunhindo alegremente. E pelo Natal, que fumeiro esplendido não dependuram sobre o lar, onde a vide crepita enchendo de «choinas» os cabellos da familia, que come no «escano» patriarchal! Ninguem melhor trata das gallinhas; com a abada cheia de milho, da porta da coizinha as chama: «piú», «piú», «pilas», «pilas». A's cabras vae ella tambem mungir o leite puro que dá aos filhos em grandes «malgas» com sopas.

As mulheres do Douro vão lavar aos ribeiros ou aos tanques as roupas que a barrela, feita á noite com cinzas e agua quente no «cortiço», branqueia e desinfecta deixando-a como a neve.

Como que se dignificam, porém, n'essa quadra uberrima e farta das vindimas onde desenvolvem toda a sua actividade, solicitas, quasi sem dormir durante a labuta ardua e fatigante que por todo o «Paiz do Vinho» se desenrola afanosa, como um novo cantico á Natureza.

A mulher do Douro assemelha-se a Céres fecunda dando as mãos a Baccho redemptor.

Se é a operaria que corta as uvas, a dona de casa cuida da alimentação, e que trabalhos não passa para dar de comer ás «ranchadas», que de longes terras da «montanha», ao som de cantigas nostalgicas e com danças ingenuas, nos fins de setembro, invadem o Douro, em tropeis gloriosos n'um grande grito: «Evohé», «Evohé», por todos os valles echoando até reboar nas montanhas!...

As mulheres das «ranchadas»—as «montanheiras» colhem de dia, pelo sol de fogo, as uvas, favos d'assucar, e de noite, coristas no grande palco do logar, de saias arregaçadas, «sovam» o vinho que lhes tinge as pernas nuas e roliças. E cantam e dançam como que embriagadas nos fumos do vinho, que se desprendem da fermentação rumorejante e tumultuosa.

Limpando os caminhos

E' pelo Douro ao cabo a grande cerimonia que antigamente era verdadeira epopeia e que agora, na «Crise da Fome», quasi parece o enterro... do lavrador que não tem a quem vender o seu vinho.

Pelo outomno, a vida da mulher do Douro continúa com a mesma canceira, abraçada na vinha que adormece.

Quando chega o Natal com as geadas e as neves, vae apanhar os bagos negros da azeitona que os homens com varas expulsam barbaramente das pobres oliveiras prateadas, que circumdam cariciosas as vinhas esplendidas.

Com o «respigo» na mão

Sem outra ambição mais do que o bem estar dos seus, que adora perdidamente, a mulher do Douro é a figura ingente da abnegação, a companheira fiel, o conforto da dôr e a confiança verdadeira do homem.

Sem ella que teria sido do Douro n'estes annos de miseria?

Era um vulcão já, de lavas candentes a alastrar, a alastrar, sem peias, sem norte, mortifero—mas redemptor. Assim... a mulher é ainda a Esperança!

Cheires, 19—8—1906
(Alto Douro)

AMILCAR DE SOUSA.

A ROMARIA DA SENHORA DA ATALAYA

A romaria da Atalaya—A gaita de folles e o bombo—Uma dança na romaria—Varinas dançando o «Vira»—Um carro alemtejano—Os romeiros na fonte da Senhora da Atalaya

A romaria da Senhora da Atalaya (25, 26 e 27 d'Agosto)

O cirio dos Caramellos — O cirio de Santa Izabel — Outro aspecto do cirio dos Caramellos — A procissão da Senhora da Atalaya — O embarque dos cirios no Aterro — O desembarque dos cirios em Aldegallega — O pendão do real cirio de Santa Izabel — O embarque do andor — O andor de Santa Izabel descendo para bordo

Aimons!

MUSICA DE LEVY DE DIADEI BENSABAT

POESIA DE VICTOR HUGO

Largo.

Piano

p *pp*

ff *p* *molto rit.* *pp*

Chant.

1. Puis.... que un Dieu..... saigne au Cal... vai..... re, Ne nous plai.gnons pas, crois.

2. Soy....... ons deux!_ Tout nous con... vi..... e Il nous ai... mer jus.qu'au

p

moi Souf...frons c'est la loi sé...vè...re. Ai...mons!
soir Náy...ons à deux qu'u ne vi...e! Náy...ons
f
ff
c'est la dou ce loi. Ai...mons! soy.ons deux! Le sa...ge
à deux qu'un es..poir! Dans ce mon.de de men.son ges,
N'est...pas seul dans son vais...seau. Les deux
Moi, j'ai me..rai...mes dou...leurs, Si mes
accel. e cres.
f
ff
pp
yeux font le..vi..sa...ge; Les deux ai..les font l'oi..seau...
rê...ves sont tes son...ges, Si mes lar..mes sont tes pleurs!
morrendo
al

CONTINUADO DO N.º 28

A guarda póde ser á direita ou á esquerda, conforme seja a perna direita ou a esquerda aquella que avance. Inclinarão o tronco deixando approximar as cabeças, e estenderão um pouco os braços para a frente, mas conservando os cotovellos unidos ao corpo para evitar assim, tanto quanto possivel, qualquer prisão.

1.º *tempo da cintura pela frente* (fig. 3)—A cintura pela frente é um dos golpes mais empregados na lucta franceza, mas, apezar da sua simplicidade apparente, offerece na execução grandes difficuldades.

Para a levar a effeito é necessario forçar o adversario a descobrir-se, isto é, a deixar de ter em guarda o tronco, o que se consegue afastando-lhe os braços bruscamente, ou simulando um golpe alto, como uma *gravata* ou uma *prisão de cabeça*.

Assim surprehendido, o adversario ergue naturalmente os braços e descobre-se por completo, devendo então aproveitar-se este ensejo para o cinturar.

2.º *tempo da cintura pela frente* (fig. 4)—O luctador, cingindo energicamente o adversario, levanta-o ao ar, encostando o seu rosto de encontro ao peito d'elle com força. Em seguida imprime-lhe um forte balanço para a direita ou para a esquerda para o fazer perder o equilibrio.

3.º *tempo da cintura pela frente* (fig. 5)—Depois do referido movimento de balanço atira-se o adversario a terra, acompanhando-o e conservando-o sempre bem cinturado. Procura-se então, sem o largar, obrigal-o a assentar as omoplatas, carregando-lhe para esse fim com a cabeça sobre o peito, e evitando que elle se colloque em *ponte*.

A *cintura pela frente* só pode realisar-se com exito quando o adversario esteja em attitude erecta. Se estiver pendido para a frente nunca deve tentar-se, porque nenhumas probabilidades haverá de resultado.

1.ª *defeza da cintura pela frente* (fig. 6)—Passam-se os braços por entre os do adversario, procurando afastar-lh'os para o lado, e obrigal-o assim a não manter a prisão effectuada.

2.ª *defeza da cintura pela frente* (fig. 7)—Passam-se os braços pela parte de fóra dos braços do adversario, e forma-se colchete com as mãos a fim de apertal-os com força.

3.ª *defeza da cintura pela frente, 1.º tempo* (fig. 8)—Colloca-se sob o queixo do adversario o ante-braço, a cujo punho se fixa a mão do lado opposto, empurrando-lhe assim a cabeça com força.

2.º *tempo da mesma defeza* (fig. 9)—O luctador dá um passo á retaguarda com a perna do lado opposto ao ante-braço applicado ao queixo do adversario, a fim de poder fazer um esforço mais vigoroso e obrigal-o a desistir da prisão, o que geralmente consegue.

4.ª *defeza da cintura pela frente* (fig. 10)—Consiste em collocar as mãos sobre os hombros do adversario, empurrando-o com energia.

Cintura pela frente com prisão de braços (fig. 11)—Faz-se este golpe da forma já indicada para a simples cintura pela frente, mas prendendo os braços do adversario, pelo que a este se torna impossivel fazer uso de qualquer das quatro defezas acima descriptas.

A ponte (fig. 12)—E' esta a melhor e a mais efficaz de todas as paradas que na lucta franceza se empregam, sendo por isso quasi sempre a ultima a que recorre o luctador, quando, por assim dizer, se vê em grave perigo. Consiste em assentar a cabeça e os pés no chão, e erguer o corpo em curva saliente, de maneira a firmar-se sómente sobre aquelles dois apoios, devendo os joelhos ficar afastados um do outro e na perpendicular das pontas dos pés. Com esta defeza póde-se resistir durante alguns minutos aos mais esforçados ataques do adversario.

Cintura por detraz, 1.º tempo (fig. 13)—Assim como a *cintura pela frente*, a cintura por detraz é tambem um dos golpes mais usados em lucta. Para o levar a effeito, agarra-se um dos braços do adversario, obrigando-o, com um forte empuxão, a ficar de costas para o luctador que emprega o golpe. Este em seguida cintura-o o mais abaixo possivel e ergue-o de maneira que os pés lhe fiquem bastante afastados do chão.

2.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 14)—Mantem-se a cintura com um dos braços, e, intercalando e erguendo o outro, agarra-se com a mão a nuca do adversario.

3.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 15)—Com o braço que

cintura imprime-se ao corpo do adversario um movimento de balanço para o lado opposto ao d'esse braço, ao mesmo tempo que a mão que segura a nuca, actuando sobre esta, o faz rodar, de modo a ficar tanto quanto possivel com as costas viradas para baixo. Então, rapidamente, acompanha-se o adversario a terra, obrigando-o a assentar as espaduas no tapete.

Todos estes tempos devem ser executados com grande rapidez e precisão, a fim de surprehender o adversario, não lhe dando tempo a responder ao ataque que se lhe dirige.

1.ª defeza da cintura por detraz (fig. 16)— Assim que o luctador é cinturado, agarra os pulsos do adversario, carregando energicamente para baixo, e, sendo possivel, afastando-lhe as mãos e obrigando-o a soltar a prisão.

2.ª defeza da cintura por detraz (fig. 17)—Ao ser-se cinturado inclina-se rapidamente o corpo para a frente, agarram-se com as mãos os braços do adversario, pela parte superior, e empurra-se energicamente, procurando manter os braços bem estendidos.

Cintura ás avessas — Maneira de executar os cinco tempos d'este golpe — Defezas que lhe correspondem — Cintura de lado — Defezas que se lhe podem oppôr — Segunda cintura ás avessas — Quatro defezas d'este golpe — Cintura de lado com prisão de nuca

Cintura ás avessas 1.º tempo (fig. 18)— A cintura ás avessas é um dos mais bellos golpes usados na lucta, mas é tambem, sem duvida, um dos mais arriscados sob todos os pontos de vista. Executa-se do modo seguinte: Collocado ao lado do

22

5.º tempo da cintura ás avessas

23

1.ª defeza da cintura ás avessas

24

2.ª defeza da cintura ás avessas

adversario o luctador cintura-o, passando-lhe um dos braços por baixo e o outro por cima.

2.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 19)—Mantendo a prisão acima indicada, ergue o adversario, collocando-o sobre o hombro correspondente ao braço que fica pela parte inferior.

3.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 20)—Põe-se em terra o joelho do lado opposto ao do hombro que supporta o adversario e colloca-se este sobre a côxa da outra perna, conservando a posição dos braços.

4.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 21) — Com o adversario na posição do 3.º tempo, muda-se o braço que se lhe mantem sobre o ventre para o hombro que fica do lado do luctador que emprega o golpe, e o braço que lhe cinge as costas passa-se-lhe por sobre o ventre a cintural-o.

5.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 22)—Retira-se rapidamente a perna que serve de apoio ao adversario, e, conservando os braços na mesma posição, carrega-se com o rosto e tronco sobre o tronco do adversario, obrigando-o assim a assentar no chão as espaduas.

Para que este golpe dê resultado, nunca deverá empregar-se contra um adversario de peso superior, pois que se tem de erguel-o rapidamente.

1.ª *defeza da cintura as avessas* (fig. 23)— Na passagem do primeiro para o segundo tempo do ataque, ennovela-se o corpo, levando as mãos ás pernas, e procurando approximar os joelhos o mais possivel do peito.

2.ª *defeza do*

26
2.º tempo da cintura de lado

25
1.º tempo da cintura de lado

27
1.º tempo da 2.ª cintura ás avessas

mesmo golpe (fig. 24)—No primeiro tempo do ataque, seguram-se os pulsos do adversario, procurando approximal-os o mais possivel da parte superior do busto.

Cintura de lado, 1.º tempo (fig. 25)—O luctador, collocado ao lado do adversario, passa-lhe os braços em torno

sario esteja por terra. o luctador carregar-lhe-ha sobre o busto, e apertal-o-ha bem, de modo a não lhe permittir qualquer defeza.

Defeza da cintura de lado—A defeza da cintura de lado pode consistir n'uma *ponte*, ou então em procurar o lucta-

28
2.º tempo da 2.ª cintura ás avessas

30
3.ª defeza da 2.ª cintura ás avessas

29
2.º tempo da 3.ª cintura ás avessas

31
4.ª defeza da 2.ª cintura ás avessas

da cintura, segurando-o com força. Em seguida, levanta-o o mais rapidamente possivel, imprime-lhe ao mesmo tempo um forte balanço para o lado do braço que lhe passa pelas costas, e immediatamente o acompanha a terra.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 26)—Logo que o adver-

dor, no intervallo do primeiro para o segundo tempo do ataque, rodar com o corpo de modo a ficar com as costas de encontro ao peito do adversario, para assim cahir de lado, e, diligenciando voltar-se, ficar de bruços.

2.ª cintura ás avessas, 1.º tempo (fig. 27)—Executa-se

como o da primeira d'estas cinturas, que já descrevemos, isto é, collocado o luctador ao lado do adversario, mas com a frente em direcção opposta, cintura-o o mais abaixo que lhe seja possivel.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 28)—O luctador levanta o adversario de modo a que o corpo d'elle fique um pouco em aspa em relação ao seu, e de cabeça para baixo.

3.º tempo do mesmo golpe (fig. 29)—Ajoelha-se recuando, e procurando fazer com que o adversario assente a cabeça e as espaduas no chão, ficando-lhe as pernas sobre as costas de quem emprega o golpe, e que entretanto continuará a exercer-lhe forte pressão na cintura.

1.ª, 2.ª e 3.ª defezas da segunda cintura ás avessas—Podem empregar-se contra este golpe as duas defezas já indicadas nas figuras 23 e 24 e descripções que lhes dizem respeito, e ainda uma terceira, representada na figura 30, e que consiste em cingir o adversario com os braços, no segundo tempo do ataque, inclinando os mesmo tempo a cabeça para traz.

4.ª defeza do mesmo golpe (fig. 31)—Logo que se toque com a cabeça no chão pára-se com uma *ponte*, auxiliada com os braços firmados sobre os cotovellos, e as mãos na cintura, ficando com o resto do corpo sobre o adversario.

Cintura de lado com prisão de nuca (fig. 32)—Tendo o adversario de lado, o luctador segura-o com uma das mãos pela nuca, obrigando-o a curvar-se para a frente; passa-lhe depois o braço disponivel sob a cintura, e, levantando-o o mais alto que possa, obriga-o ao mesmo tempo a baixar a cabeça. *(Continúa)*.

32

Cintura de lado com prisão de nuca

·VM·THEATRO·ROMANO·
·NA·RUA·DE·S. MAMEDE·

UMA theoria de visionario ◎ Como um velho empregado do commercio se julga um sacerdote romano ◎ O que fazem leituras em certas cabeças ◎ Onde se fala de Nero ◎ O que era a rua de S. Mamede no tempo d'este imperador ◎ O theatro romano d'essa rua ◎ As representações dos romanos ◎ A chuva d'açafrão ◎ Espectaculos graves e espectaculos eroticos ◎ Descripção do theatro

Tive até certa epoca da minha vida—e com pesar o confesso—uma imaginação apoucada; não era homem para grandes phantasias nem para largas locubrações, embora ás vezes me viessem como grandes nostalgias d'alguma cousa que não sabia explicar. Disse-me o medico que isso partia da minha existencia sedentaria e da chateza do meu mister. Na edade em que os rapazes enfileiram sonhos, já eu enfileirava cifras nos livros commerciaes dos srs. Galrão & C.ª, com escriptorio na rua dos Bacalhoeiros. Vivi sempre methodicamente, criei uns habitos tão regulares como a minha lettra tão gabada pelos patrões. Todos os dias, e já bastos conto n'esta minha vida d'agora, porque já vivi outra, desço para o escriptorio pela rua de S. João das Praças, ás nove e meia da manhã, e o mesmo fazia, mas pelas bandas da Sé, quando residia ali em S. Mamede, na casa que tem hoje os numeros 22 C e 22 E, n'um quarto alugado ás senhoras Salretas. Um dia tive que me mudar e n'esta resolução entra já o meu caso, um caso singular que me trouxe a certeza d'uma verdade extranha e ainda me turba, a mim, homem de bons costumes, regrado e com quarenta annos de bons serviços de carteira aos srs. Galrão & C.ª e depois aos seus successores, desde que o herdeiro da casa liquidou e começou a andar mettido em politica.

Nero

Confesso que, se lanço mão da penna para contar a minha historia, o faço receioso tanto pela audacia como pelo medo de ser apanhado a empregar o meu cursivo n'esta narrativa, á hora das minhas obrigações. Se me surprehendessem que seria de mim, Santo Deus, ou antes Divino Jupiter! Não se admirem de vêr um modesto empregado commercial fallar no pae dos deuses, porque isso faz parte do meu caso.

«Libertei o meu escravo Notho e a sua familia
e elles fizeram erigir
em minha honra esta lapide de cinco palmos de altura...»

Foi ha uns annos que cheguei a uma grande conclusão, como já dei a entender: o homem não morre, trespassa-se; viveu em todas as epocas e passou por todas as situações com differentes nomes e varios talentos. Aqui onde me vêem já fui alguem... Mas ha que seculos! Que será hoje Nero, ou antes o ser transitorio n'esse logar de Cesar e que usou tal nome?! Se calhar é um mau actor de provincia ou um reles empregado de magarefe! Tinha recursos e instinctos para isso o imperador!

«Eu fui Caio Helo Primo e nasci pelas calendas de fevereiro...»

Cheguei a esta conclusão ácêrca dos homens meus semelhantes depois d'um facto banal: por causa d'um sujeito a quem emprestei o lume do meu cigarro! Julgarão, os que me lerem, se acaso isto um dia tiver leitores, que amontôo paradoxos ou que pretendo mystifical-os! Não é assim; de taes attentados sou incapaz como pódem attestar os srs. Galrão & C.ª, Successores, testemunhas idoneas da minha probidade.

«Como todos os nossos theatros, era de alvenarias caras, tinha ao fundo o seu proscenio, em baixo do tablado a cava da orchestra, ligados a ella os assentos cuneos para a gente de qualidade. Lá atraz ficavam os logares do povo em semi-circulo...»

Costumava antigamente nas horas vagas, á boquinha da noite, depois de jantar, encostar-me á esquina da tabacaria Neves no Rocio; estava para ali tomando fresco, vendo os que passavam e fumando o meu cigarro sem me metter em conversas, apathico, com a minha vaga saudade d'uma cousa que não explicava, mas que julgo agora ser d'uma anterior vida; mas um dia um homem pediu-me lume e achei-me não sei como a falar de theatros, eu, que fôra apenas uma vez ao Principe Real, ouvir o Alvaro — ha que annos! — no *Capitão de Piratas*, por signal em beneficio do João Gomes, um rapaz lá do escriptorio a quem tinham feito uma penhora. Emfim, travei este novo conhecimento e não estou arrependido. O meu depois amigo e então desconhecido era um homem serio, grave e de meia edade, muito asseado, com o seu jaquetão azul e sempre de gravata preta; tinha medidas as palavras, mas rapidos os gestos, e os seus olhos brilhavam muito sob o til das sobrancelhas grisalhas. Cheguei uma vez a ficar até á meia noite a ouvil-o para não passar por malcreado. Até as sr.as Salretas se admiraram e a mais nova bateu muito com a porta quando entrei.

Nunca mais me demorei na rua. Logo que badalavam as dez no Carmo punha-me a caminho.

O homem deu em acompanhar-me, pois morava lá para os meus sitios; atravessavamos o Rocio e elle batia pancadinhas leves e pausadas com a bengala nos passeios e caturrava sempre sobre theatros. Que teima! Mas comecei a ouvil-o quasi com religioso respeito desde que uma vez vi o sr. Augusto Rosa acenar-lhe familiarmente e de saber que já fizera catalogos de livrarias.

Admirei-o sinceramente e d'ahi em diante deixei-o sempre com vagares á sua porta na Magdalena e a pensar no que lhe ouvira, enfiava para S. Mamede onde as manas Salretas me esperavam com o chá.

Que singulares cousas elle sabia!...

Entrou então a emprestar-me livros antigos, alfarrabios de capas de carneira roidas pela traça e de folhas amarellas e rijas que eu lia pasmado e sem comprehender. Ao principio andava tonto; depois habituei-me á tonteira e aos alfarrabios. Cheguei a errar uma somma no livro *Caixa!* Um cumulo para quem sabe tão bem as contas!... Deixal-o! É certo que tive um grande remorso a que me habituei agora, depois d'errar milhares d'ellas...

Mas vamos ao meu caso!...

Por uma noite abafadiça de julho, estrellada e languescente, o meu amigo levou-me até á porta. Parecia distrahido e olhava os andares, como se procurasse vêr alguem. Fiquei com a pedra no sapato, mas fui batendo as palmas ao guarda nocturno e quando ouvi tilintar as sua chaves á volta da rua da Saudade, agradeci ao homem a sua companhia; porém elle, deixando o seu ar obsecado, exclamou em voz rija, n'um gesto lento, contra o seu costume:

— O que?! Pois mora ahi?!

— Sim, senhor... Já ha vinte annos... Uma casa ás suas ordens... Sou muito bem tratado... Ao almoço chá e torradas...

Não me deixou acabar, fixou-me e com uma apressada palmada no meu hombro, bradou:

— Pois felicito-o... Você é um felizardo...

Tomou de novo o seu tom grave, á antiga, e concluiu:

— Venturoso homem que dorme todas as noites sobre as ruinas d'um grande theatro romano!

Fiquei perplexo com a revelação e com as suas palavras boas e amigas.

Ouvi então da sua bocca verdadeira, sahindo enthusiasticas e graves, as suas revelações sapientes. O que elle me contou, Divino Jupiter!... E bem valeu a pena ter-m'o contado... Soube o que fôra outr'ora e rejubilei!

Elle, no fim, cançado, passando o lenço nos labios seccos, accrescentou:

— Se quer saber tudo quanto aqui se passou, tome lá... leia! — e n'uma recommendação carinhosa e escusada, dizia:

— Mas pelo amor de Deus não m'o perca!...

Era um manuscripto que ia ali enrolado em papel de jornal — revelou-me — e eu galguei a escada de pavio acceso.

Sósinho no meu quarto desembrulhei o manuscripto e li n'umas lettras garrafaes e côr de ferrugem o seguinte titulo:

«*Dissertação critica filologica historica sobre o theatro romano da rua de S. Mamede*».

Devorei-o até meio avidamente e cheguei então ás minhas conclusões.

Pois se eu vi, se eu assisti a cousas que nunca me tinham passado pela cabeça, e que me appareceram nitidas, claras, luminosas, na revelação d'uma vida anterior e que me fazem acreditar que os homens não morrem, que existem atravez das eras em diversos estadios e d'elles guardam vagas reminiscencias... D'ahi aquellas saudades não sei de quê, que ás vezes sinto... São lembranças d'um passado muito longinquo, são!

Sim! Ia jural-o... Já vivi n'outras epocas...! Mas Jupiter me defenda que o guarda-livros o suspeite, porque me despediria talvez desde queá sua alma secca chegasse tal convicção!...

Devo no emtanto escrever o que me recordar e que outros homens — não o meu guarda-livros — saberão agradecer-me apesar d'isto ser escripto no papel, e com a tinta e as pennas dos srs. Galrão & C.ª, Successores.

As lapides que se encontraram nas ruinas do theatro ◎ Silenos em marmore ◎ Como era o theatro romano ◎ A sua planta ◎ Columnas jonicas e os vasos sonoros ◎ As estatuas que se encontraram nos escombros ◎ Vinho a rodos ◎ As ruinas do theatro ◎ A morte de Nero ◎ Como os romanos se divertiam

Eu fui Caio Heio Primo e nasci em Calahorra pelas calendas de fevereiro, no signo dos Peixes em que nascem os rhetoricos e os cosinheiros; subi até á dignidade de Flamine Augustal Perpetuo no municipio romano de Felicitas Julia, cidade das Hespanhas, repousada á beira d'um rio calmo e azul, pela era em que Nero imperava em Roma. Lembro-me vagamente do Cesar: um homem gorduchudo e baixo, d'olhos verdes e papudos, cabellos arruiviscados e barba rapada por ser pouca mas affirmando que a sacrificava aos deuses e que, vestido n'uma tunica côr d'amethysta, me disse a esmagar-me o hombro com a sua mão auctoritaria e carnuda, espigada de pellos rijos e côr de cobre, no dia em que parti:

— Vae com os Deuses, Caio Heio, e não olvides as divinas artes!

Sacrifiquei dois borregos d'Ostia no altar de Jupiter, entrouxei os meus poucos teres, dei ordens ao meu escravo Notho e a sua mulher Heia Helpis para me seguirem e embarquei-me d'animo alegre, sonhando com a riqueza. Não tenho pejo de dizer que entrei em Felicitas Julia com as mãos a abanar, sob um sol d'oiro que me regalava, farejando os ares, pousando bem firmemente o meu pé direito na areia da praia e disposto a ser, como então se era em Roma e se tem continuado a ser em todos os tempos, mais dedicado ao Cesar do que aos Deuses.

Por isso pouco falarei da minha missão sacerdotal e muito das divinas artes que Nero, em tom baixo para não estragar a voz, esse dom de que sempre duvidei n'elle, apezar das suas precaucões e do lenço de seda com que enrolava a polpuda garganta, me recommendára empenhado e de pupilla accesa.

Os ganhos eram bons em Felicitas Julia; dentro em pouco tive centenas d'escravos, dinheiros, baixellas e uma casa urbana a cuja porta havia um cão em bronze, mas tão perfeito que todos se arredavam receiosos ao lerem o distico que eu mandára pregar sobre o seu casinhoto de mosaico vermelho e negro: *Cave canem! Cautella com o cão!*

Puz-me a dar jantares á Trimalcião em que foram servidos carneiros inteiros com recheios de salchichas fingindo tripas, botei liteira e dentro em duas calendas mandei fazer um theatro á minha custa.

Antes d'escolher o logar, de mandar abrir os alicerces, d'arranjar as alvenarias e os actores, fiz gravar n'uma placa de bom marmore a seguinte dedicatoria que foi depois collocada sobre o proscenio:

«*A Nero Claudio, filho de Divo Claudio, neto de Germanico Cesar, bisneto de Tiberio, Cesar Augusto,*

«Subi até á dignidade de Flamine Augustal Perpetuo no municipio romano de Felicitas Julia....»

trisneto de Divo Augusto, Cesar Augusto, vencedor dos Germanos, Pontifice Maximo, gosando já do poder tribunicio pela terceira vez, sendo capitão general a terceira, consul a segunda, eleito para o tornar a ser terceira, Caio Heio Primo, Flamine Augustal Perpetuo, fez erigir este proscenio e a orchestra, com os competentes ornamentos á sua custa.»

Procedi assim porque bem me lembrava dos olhos verdes de Nero e da sua mão pesada, dictatorial e gordinha.

Escolhi então o local. Era n'um plaino vasto, na base d'um monte onde se erguia uma fortaleza quadrada. Avistava-se de lá o rio azul e chapejava-a em cheio o lindo sol d'oiro da região. Como todos os nossos theatros era de alvenarias caras, tinha ao fundo o seu proscenio no topo do qual mandei collocar a lapide expressiva e servil—agora o vejo—em que lisongeava o Cesar Augusto.

Em baixo do tablado estava a cava da orchestra, ligados a ella os assentos cuneos para a gente de qualidade e subia-se para o palco por duas escadas de cinco degraus cada uma, a fim de lá se chegar com o pé direito, que era o primeiro a ser collocado para a subida.

Lá atraz ficavam os logares do povo, em semicirculo, uns degraus largos e brancos d'onde os escravos e os artifices atiravam com doestos e cascas de fructa aos actores, n'uma algazarra que parecia abalar as columnas altas com os seus relevos bem esculpidos nos capiteis, onde se chumbavam argolas de luzente bronze a prenderem os velarios côr d'oiro ou purpura, que Valerio Maximo inventára e que tonalisavam, ao embeberem a luz, as caras dos actores e vestiam de belleza a pallidez eburnea das mulheres.

Pelo rio singravam sempre barcos de velas triangulares e vermelhas, esfumaçavam-se ao longe montes adormentados e quasi se sentia a cadencia dos remos e se viam as verduras fortes da outra margem; nos porticos largos, cortando a belleza augusta do recinto, havia pugnas com as mulheres vendedoras de melancias e os decuriões e soldados, que as enxotavam com os gladios ou espiçaçavam com as lanças.

—Oh! muito nos divertiamos n'aquellas santas tardes! E agora?! Agora não vou a parte nenhuma!...

Nós os sacerdotes, os militares, os chefes do municipio, lictores e patricios, com todos os togados, tinhamos os logares reservados do recanto da orchestra e d'ali, empertigados e graves, com os mantos sem uma prega mal posta, riamos e olhavamos a turba espuria, a escoria vil, sentada nos seus degraus e que cheirava sempre a suor e a alho!... Por causa d'isso mandei fazer duas estatuas que adoravam. Pudera!

Eram dois Silenos, educadores de Baccho, fortes, mas de olhos cançados, encostados a odres de marmore negro e que, erectas, pingavam por entre os seus enfeites uma chuvinha miuda e perfumada expellida até á altura dos porticos e que cahia sobre a gentalha.

«Puz-me a dar jantares á Trimalcião...»

Era agua açafroada, d'um cheiro activo e d'um tenue tom d'opala, que descia continua e consoladora sobre aquella plebe immunda e tumultuosa. E que goso! Que ineffavel doçura!...

Algumas vezes mandava escorrer vinho pelos ralos dos Silenos e a turba espapaçava-se de bôccas abertas, o que muito fazia rir os bons senhores e os graves sacerdotes de que eu fui Augustal Perpetuo!...

Ah! Que ricos gosos tivemos sob aquelle velario côr d'oiro!... Viamos d'aquelles logares cuneos bem bons espectaculos: os actores recitavam no proscenio, a cinco pés do solo, os versos lapidares dos nossos auctores e tambem dos gregos, dedilhavam-se cytharas e alaudes, batucavam-se pandeiros na orchestra e o povo arrojava bocados de fructas já mordidas para o tablado, sob aquella macia chuvinha côr d'opala e de activo cheiro. Alteavam-se as cabeças; appareciam grenhas d'escravos de prazer e cabelleiras fulvas de cortezãs, destacavam-se vestes ricas de mercantes e togas brancas de juizes, mantos rôtos de philosophos e coberturas vivas de libertos; e careteavam os focinhos negros dos captivos nubios e as faces papudas dos artifices, rostos glabros e perfeitos de patricias coloriam-se e os olhos metallicos das mulheres eram tão excitantes como o satirião aphrodisiaco dos nossos festins... O que eu ali vi!...

Flamines com as suas togas pardas gargalhavam e militares das decurias nobres estatelavam-se de pernas para o ar, mostrando os soes de prata das suas sandalias; as donas patricias, com as suas joias nos bicos dos peitos, tomavam bebidas frescas que os mezarios lhes offertavam de joelhos... E esta gente um dia—se bem me lembro

—quiz patear uma tragedia de Sophocles!...

Os actores batiam bem as syllabas, as suas vozes suavisavam-se pelo ecco dos vasinhos de bronze, que eu mandára collocar sob os assentos, com a sua cunha de ferro e as bôccas voltadas para o proscenio; mas apezar de tudo davam-se conflictos e faziam-se assuadas em que não nos mettiamos porque esse bom povo romano sempre teve a realeza nos espectaculos, mesmo quando Nero—o terrivel—cantava em publico, sob o seu toldo de purpura semeado de estrellinhas de oiro a rodearem-lhe a quadriga onde a sua figura se repoltreava gorda, irritante mas... soberana!

Dos porticos chegavam os ruidos dos liteireiros e dos servos; latiam cães, disputavam-se a murro preços de fructas; os soldados com as suas lanças curtas e os seus escudos d'aço esmagavam os turbulentos e nós—oh! divino prazer!—lá dentro, ao som das musicas chegavamos com as varas brancas nos corpos vis dos escravos.

O que eu fui e o que eu sou!...

Por fim aborreceu-nos a tragedia e fizemos representações eroticas com pelotiqueiros e dançarinas nuas, appareceram animaes amestrados e mulheres que cantavam, tendo roscas de braceletes até aos hombros e manilhas nos tornozellos, refrescadas pelas gottinhas de agua açafroada que lhes camarinhava os corpos perfeitos e as caras gaiatas. Gritava-se então: *Acto est fabula!*... que é como quem diz: acabou o espectaculo...

PLANTA DE UM THEATRO ROMANO
A—Portico do ambito—B Terceira ordem de Porticos—C Scena propriamente assim chamada—D Proscenio—E Postscenio—F Podio—G Oschestra—H Assentos da orchestra romana—Degraus—K Escadas

E a sahida?! Que alegria!... A turba agglomerava-se, os decuriões faziam avançar os soldados, tudo chammejava ao sol. O rio era mais calmo e nós, a dentro das liteiras que bamboleavam, ouviamos as exclamações enthusiasticas da malta feliz, gesticuladora e borracha:]

—Salvé Caio Heio!... Salvé Flamine Augustal Perpetuo!..

E eu acenava ligeiramente com a cabeça para a direita e para a esquerda, popularisava-me, sorria e mostrava-me porque ia contente e nunca fui de tolices, tu bem o sabes oh! meu rico Jupiter!...

Por isso mesmo a posteridade ouve falar de mim, aprende estas coisas que eu vi e são verdadeiras, como o attestam as pedras dos escombros do meu theatro, o manuscripto precioso que copiarei para enviar um traslado á Bibliotheca Nacional.

Não me arrependo de ter sido dado e magnanimo. Assim fossem agora os meus superiores... Não... não me arrependo... Libertei o meu escravo Notho e a sua familia e elles fizeram erigir em minha honra essa lapide de cinco palmos de comprido e dois e meio de largura que se fixou no fundo do theatro, fronteiriça á minha lisonja a Nero e que diz assim: (Se duvidam vejam a copia do manuscripto porque eu nunca fui de basofias).

«*A Caio Heio Primo Flamine Augustal Perpetuo, os libertos de Caio levantaram este padrão: Caio Heio Notho, liberto de Primo, Ceia Helpis, liberta de Primo, Heia Notha Secunda a Caio Heio natural de Calahorra, o filho de Notho Primo Caião, Heia Helida, filha de Notho, neta d'aquelle filho de Notho, ntural de Calahorra, Glafyro, outro neto de Notho.*»

Não é muito explicita nem muito sonante a inscripção, mas não se póde exigir d'um escravo de poucas lettras e carregado de familia a grandiosidade de Petronio e a burilada prosa ciceronica. Acceitei a offerenda em silencio, como convinha, mas confesso que fiquei lisonjeado!... Terá Nero ficado como eu ao saber da minha offerta?! Não sei, mas pouco me importa saber, desde que fui ter com os deuses muito depois do Cesar ter encostado ao gladio a sua garganta molle e rouca e exclamar choramingas e poltrão: «Que grande artista o mundo vae perder!»

Isto deu-me até vontade de rir quando o soube por Maximo Varo, na hora em que m'o disse, encostado a uma columna do meu theatro, pelo signo dos Escorpiões em que nascem os assassinos e os envenenadores.

E ri-me, porque, francamente, nunca acreditei nem na arte nem na voz de Nero, apezar de o dizerem de joelhos, apezar do meu padrão e do lenço de seda com que resguardava a sua garganta sêcca por dentro e carnuda por fóra!

Cheguei, pois, á conclusão do que fôra, depois de ter lido o manuscripto e dormido em sobresaltos.

EM que anno foi soterrado o theatro de S. Mamede ◎ O logar exacto do theatro ◎ Como se desenterraram os restos do theatro ◎ Uma planta do architecto Fabri feita em 1798 ◎ A ermida de S. Chrispim ◎ As casas n.os 22-C e 22-E da rua de S. Mamede ◎ Remexendo as ruinas ◎ Achados de vulto ◎ As lapides dedicadas e Caio Heio ◎ Como por umas memorias patuscas se diz tudo quanto ha averiguado ácerca do theatro de S. Mamede ◎ Os desenhos do theatro romano feitos por Fabri publicados no anno de 1906, 1942 annos depois da sua fundação ◎ Fim das memorias d'um visionario

Ao amanhecer recordei tudo e a visão era ainda

tão nitida, as fallas que tivera com os sacerdotes, os espectaculos a que assistira, as phrases do Cesar, estavam ainda tanto no meu espirito, n'esse espirito que nunca se amoldára a phantasias, que expliquei as minhas saudades vagas d'outr'ora e senti que vivera n'outras eras. Fui Caio Heio!...

Mas o meu theatro?! De mim sabia que voltára ao mundo na pelle d'um simples, d'um caixeiro, d'um hospede das Salretas. E elle?!...

Lá vinha, na parte que me faltava lêr d'esse manuscripto, a sua triste historia: o que são os homens, o que são as cousas!...

Decorreram calendas sobre calendas depois do meu trespasse, os deuses da minha raça desfizeram-se em pó, cantou victoria outra religião e lá pelos annos de 382 ou de 446, de Christo, sob o imperio de Valente ou de Theodosio, um terramoto revolveu as Hespanhas e soterrou o theatro, esmagou-o n'aquella encosta corcovada com o paredão d'uma fortaleza romana que eu vira em Felicitas Julia onde fui Augustal e tive bem bom dinheiro. Rodaram mais tempos. Aquillo era um monte de entulho onde já cresciam as hervas á vontade até que um dia — em 1798, lá diz o manuscripto — o meu theatro appareceu quando revolveram a terra para ali fazerem um predio. Os homens que o desenterraram ficaram espantados e a essas ruinas desceram para annotarem o que lhes appareceu: uma civilisação! Lá estava de novo á luz do sol que eu tanto amára, de novo surgia! E bemditos sejam os olhos que o viram, nanja os meus, que n'essa epoca andavam apagados lá pelas alturas em busca da luz n'um corpinho de creança. Felizes os olhos que o olharam e as mãos que lhe tocaram, apesar do seu estado lastimoso. Era uma ruina, mas era bem elle com as suas columnas feericas abatidas, com o seu proscenio amachucado, com os seus assentos de pedra já desfeitos, com a sua argamassa e os seus estuques em pó, com as suas estatuas de Sileno coxas, com as pernas cerces, tal qual um architecto chamado Fabrias desenhou e eu as vi ao consultar as suas observações na Bibliotheca Nacional, n'um livro que tem o numero 672 a vermelho e só eu decerto — só eu tinha esta curiosidade, — li na secção de Historia n'uma tarde em que faltei pela primeira vez ao escriptorio!... Ainda lá estavam as lapides: a que eu offerecera a Nero e a que me fôra dedicada pelo gratidão de Notho!... Essa é a minha gloria!...

E agora eu morava ali sobre o logar das suas ruinas, hospede das Salretas, tendo por detraz o Castello de S. Jorge e em frente as altaneiras torres da Sé, logares onde eu vira um forte romano todo chammejante pelos poentes das calendas de verão e um barrocal a pique sobre o rio a que chamam n'este tempo o Tejo.

Morava ali, transformado em empregado do commercio, tendo-me amesquinhado tanto como um altivo touro das campinas ao ser talhado em bifes para o almoço d'um fiel de feitos?! Mas ainda isso não era nada... A dois passos, com o intervallo d'um predio, tinham erigido uma ermida — a de S. Chrispim — tão perto do sitio onde eu quasi adorara Sileno!... Que atrevimento!...

Deliberei mudar-me.

N'essa manhã de julho, ao chegar á janella, vi a rua sombria, ladeada de predios altos; subia um vendilhão de hortaliça, batiam pregos na loja de

Estatua de Sileno, que ornamentava o theatro romano de S. Mamede

marceneiro do rez-do-chão, um policia amollengado, de calça branca, vigiava os andares e então veiu-me a saudade, agora já comprehensivel mas ainda vaga, das antigas vendedoras besuntadas d'oleos, das escravas na labuta atraz das creadas e dos soldados romanos com os seus escudos d'aço!... Não podia mais!... Fiz a minha trouxa com vagar e disse ás Salretas que me mudava. Foi um inferno n'aquella casa. Que nunca se tinha visto uma cousa assim!... A mais nova relembrou-me a vez em que lhe apertara a mão a furto...

Porém eu, com a consciencia da nobreza do meu passado e com a dignidade d'um cidadão romano, dei-lhe as costas em resposta e desci a escada: olhei ainda o logar, vi as cabeças encortiçadas das manas a espreitar, julguei divisar um trecho do velario de purpura do meu theatro lá no ar: era o lenço vermelho com que a mais nova enxugava os olhos...

Segui o meu caminho; aluguei este quarto em S. João da Praça e agora todas as manhãs vou para o escriptorio de busto direito, a traçar o meu capote, apoiado á minha bengala com o ar conveniente d'um homem que foi Augustal Perpetuo.

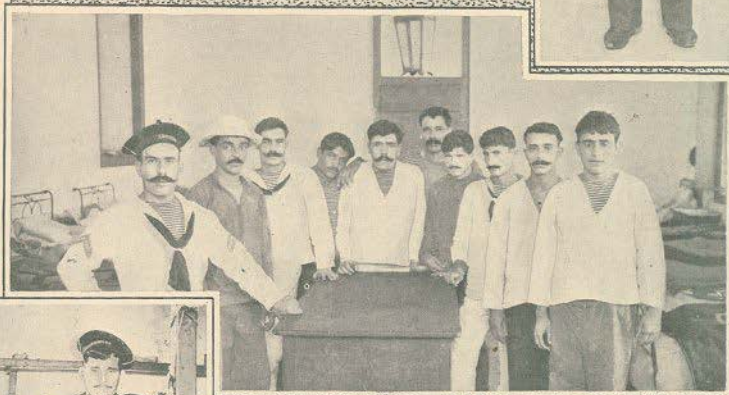
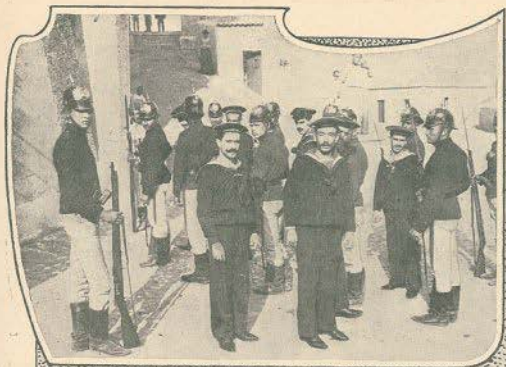
Se o guarda livros desconfiasse! Mas não... Nunca o saberá apesar de eu ter no mez passado assignado o recibo do ordenado — vinte e cinco mil réis — (o que é isto para quem já teve escravos) com o meu nome antigo, aquelle que foi gravado no marmore e figura ha seculos diante d'outro marmore onde estava o de Nero!...

E como ha um mez o *Seculo* se referiu ás ruinas d'esse theatro sem falar no meu nome, indicando-lhe o sitio mas sem estes pormenores só de mim bem conhecidos, acabo estas memorias para que um dia as publique a *Illustração*, á qual as vou enviar, assignadas com o meu nome feito na lettra augusta e hirta dos romanos, assim sonante e d'um sabor barbaro para os ouvidos delicados dos homens de hoje.

Ao 26 dia das calendas d'agosto, signo da Virgem em que nascem os cobardes e os effeminados, no anno 2659 da fundação de Roma — «Caio Heio».

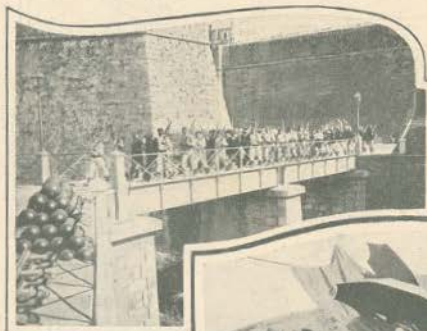
Transcreveu: ROCHA MARTINS.

O proscenio do theatro romano de S. Mamede, onde estava gravada a inscripção laudatoria a Nero

AS INSUBORDINAÇÕES DA ARMADA

Julgamento das praças do cruzador «Vasco da Gama» e da canhoneira «Tejo»

2.º artilheiro Antonio Alegria Rabaça, absolvido; 2.º marinheiro José Antonio Gomes, condemnado a 6 annos de presidio, e Francisco Antonio Patricio Correia, 2.º artilheiro, absolvido—Sebastião dos Anjos, condemnado a 16 annos de reclusão—Alguns dos protagonistas da revolta do «Vasco da Gama», na prisão da enfermaria, em S. Julião da Barra—Deodato Soares de Azevedo, condecorado com a medalha de salvação por se ter atirado ao mar, com perigo de vida, em Moçambique, para salvar dois naufragos, condemnado a 15 annos de reclusão—A caminho do tribunal.—[Da esquerda para a direita]: Antonio Henrique Pinto, absolvido; Sebastião dos Anjos, que foi condemnado com a maior pena, e Seraphim da Silva Perdigão, condemnado a 6 annos e 6 mezes de presidio militar.

AS INSUBORDINAÇÕES DA ARMADA:

O regresso dos jornalistas pela estrada militar — Os advogados dr. Borges de Sousa e dr. Antonio Osorio conversando com os jornalistas

Os réus a caminho do tribunal entre uma escolta armada

A vagoneta que transportava da estação de Oeiras para S. Julião da Barra, pela estrada militar, os vogaes do conselho de guerra

Julgamento das praças do cruzador «Vasco da Gama» e da canhoneira «Tejo»

Grupo dos jornalistas n'um intervallo da audiencia — Grupo de praças do «Vasco da Gama» e da «Tejo» na prisão da camarata — Grupo de praças do «Vasco da Gama» e da «Tejo» na prisão da camarata

Livraria editora Viuva Tavares Cardoso

5, LARGO DE CAMÕES, 6—LISBOA

PUBLICAÇÕES RECENTES:

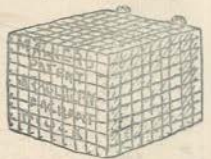
A ARRAIA MIUDA—Romance historico por Faustino da Fonseca. E' o romance d'amor de uma rude filha do povo, que se bate em plena revolta contra o o paço, quando a *Arraia Miuda*, a pittoresca multidão do seculo XIV, d'essa Lisboa habitada por «muitas e desvairadas gentes», realisa a unidade nacional contra as castas sacerdotal e guerreira, vendidas ao estrangeiro; expulsa uma rainha e elege um rei. Livro de absoluto rigor historico, mostra as grandes figuras do passado como simples representantes da vontade collectiva, e o seu esforço como a somma do esforço de uma classe social, 1 vol. 600

O «FREI LUIZ DE SOUSA»—(Estudo synthetico), de Garrett, notas por Joaquim d'Araujo, com um prefacio de Theophilo Braga, 1 vol. illustrado de 103 paginas 400

ANGELA PINTO—Esboços, homenagens e apreciações criticas da imprensa brazileira e portugueza e dos principaes escriptores dramaticos de Portugal, 1 vol. illustrado com o retrato da illustre actriz nas peças que tem desempenhado 500

PAISAGENS DA CHINA E DO JAPÃO—Contos por *Wenceslau de Moraes*, 1 vol. profusamente illustrado 600

O TIO JOÃO GIL Chronica d'aldeia por *Barros Lobo* (Francisco), 1 vol. 600

Directoria da Filial: Presidente — Conselheiro Julio Marques de Vilhena. *Governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado Honorario* ◆ Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal *Advogado* ◆ Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena ◆ Gerente: M. A. de Pinho e Silva ◆◆ **Dotações de creanças de 1 aos 15 annos.** Serão attendidos todos os pedidos de tabellas depremios, prospectos e outras informações que forem dirigidos á filial

d'A Equitativa dos Estados-Unidos do Brazil

LARGO DE CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA